

O sincretismo religioso em letras de músicas de Gilberto Gil e a Lei 10.639/03

Autora: Doracy Montenegro de Gois

Universidade Estadual da Paraíba-UEPB; montenegrodoracy@gmail.com

Coautor 1: Andreza Silva Costa

Universidade Estadual da Paraíba-UEPB; andrezasilva995@gmail.com

RESUMO: O presente artigo é resultado de uma pesquisa do Programa de Iniciação Científica-PIBIC cujo projeto é intitulado **“OLORUM SE MEXEU” ... “FOI BAHIA PRÁ TODOS OS CANTOS”**: o processo de legitimidade social das religiões afro-brasileiras e a arte musical de Gilberto Gil. Deste projeto constava o subprojeto sobre o Sincretismo religioso. Assim, tendo por fonte de análise dezanove as letras de músicas de Gilberto Gil, foram selecionadas para este artigo as músicas Procissão, Opachorô, Andar com Fé e São João, Xangô menino por estas apresentarem com evidência o fenômeno do sincretismo. Nas letras das músicas referidas é possível identificar a presença de nomes de Orixás e de Santas/os do catolicismo, marcando uma característica do sincretismo religioso, que também é identificado na cultura das pessoas brasileiras, sobretudo as afro-brasileiras.

Palavras-chave: Religiões afro-brasileiras; Música popular; Gilberto Gil; Sincretismo.

INTRODUÇÃO

Nas religiões afro-brasileiras, a música é uma das expressões que pode demonstrar as várias afirmações de crenças nas interpenetrações dos ritos e liturgias, no qual o religioso vem a se fundir às múltiplas faces da fé religiosa. Desta forma as manifestações religiosas miscigenadas, são traços culturais marcantes em nossa sociedade, possuindo várias relações observáveis entre os valores e símbolos religiosos afro-brasileiros, e os seus contextos de construção da identidade na música nacional.

Sem dúvida, a arte musical, as pinturas, poesias etc, dão influência nos costumes de uma sociedade. O feito de cantar ou escutar uma canção, pode desencadear efeitos emocionais em uma pessoa, a exemplo de Castro Alves que na literatura brasileira traz uma poesia social e humanitária, mostrando ao “mundo novo” a sua vontade de mudança, sendo considerado um poeta fervoroso, “poeta dos escravos” e adepto aos movimentos abolicionistas, reagindo ao egocentrismo das primeiras gerações do romantismo.

Podemos destacar nomes no meio musical brasileiro como: Vinicius de Moraes, Elba Ramalho, Zezé Motta, Dorival Caymmi, Caetano Veloso, Gilberto Gil e entre outros, que são

“Castro Alves” por meio da poesia musicada, trazendo em suas músicas questões sociais e uma imagem religiosa forte com referência na cultura ancestral Africana.

Desta maneira prosseguimos ao evidenciamos, os tambores e batuques africanos, o contexto religioso com as danças, a cultura negra, a diversidade cultural, os artistas que impulsionaram o movimento negro, dando voz ao sincretismo afro-católico que se amplia para além da arte, ganhando sonoridade na boca daqueles povos, que cultuam os seus ancestrais, já que desde o período colonial as suas práticas religiosas foram censuradas e consideradas como ato de resistência, disseminadas entre a população branca por preconceitos e pensamentos excludentes, embasadas pela forte conotação racista para com os afrodescendentes, atribuindo a partir daí, a alcunha e o caráter de selvageria, tanto pelos barulhos das batucadas, quanto pelas incorporações dos ritmos africanos nos terreiros, mantidos na clandestinidade até as primeiras décadas do século XX¹, tendo que camuflar os seus cultos indicando um “esquecimento” na hierarquia católica que perduram até os dias de hoje.

Neste sentido, segundo Abdias Nascimento:

O sincretismo católico-africano decorre da necessidade que os africanos e seus descendentes tiveram de proteger suas crenças religiosas contra as investidas destruidoras da sociedade dominante. As religiões africanas, efetivamente posta fora da lei para o Brasil oficial, só puderam ser preservadas através do recurso da sincretização. (NASCIMENTO 2002, p.161)

Em concordância com o autor, por meio do sincretismo afro-brasileiro, uma chama na memória coletiva manteve-se viva entre os povos africanos trazidos para o Brasil, embora a intolerância religiosa contra as suas tradições fosse ferrenha, o sincretismo cultural como um mecanismo de resistência das tentativas das generalizações etnocêntricas dos colonizadores, em descaracterizar as tradições de matriz africana, e se algo não fosse feito, os filhos da África nada teriam para preservar o culto aos seus orixás, já que os negros que aqui chegavam eram batizados e obrigados a serem adeptos da religião católica.

Sendo assim, esta pesquisa pretende contribuir para o estudo da cultura negra e as suas celebrações sincréticas no Brasil, tomando a música com fonte de análise para as seguintes as

¹Neste mister, a Constituição de 1988 protege a liberdade de crença e culto, bem como às organizações religiosas. A liberdade de culto é a exteriorização popular da liberdade de crença e está assegurada a sua manifestação. Disponível em: http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7101

canções: Procissão, Opachorô, Andar com Fé e São João, Xangô menino, de um dos nomes mais importantes da MPB², Gilberto Gil.

Gilberto Gil que por volta dos anos 1960, vem a contribuir para a apropriação das culturas africanas trazidas para o Brasil, através de suas música, canções para celebrar os Orixás e a afro-descendência que vivem tanto nas suas letras, tendo por exemplo os títulos citados acima, que posteriormente tratá-las-ei com a devida atenção, como em suas entrevistas ao se lidar com temas a respeito da religiosidade, mestiçagem, discriminação, reconfiguração do imaginário negro, sendo mais que apenas uma “voz negra”, pois além de fazer das suas performances a sua roupagem, divulga para o mundo a sua caracterização baiana, importante para a ressignificação das diferenças, antropologicamente falando.

METODOLOGIA

Para o andamento desta pesquisa resultado do Programa de Iniciação Científica- PIBIC cujo projeto é intitulado **“OLORUM SE MEXEU” ... “FOI BAHIA PRÁ TODOS OS CANTOS”**: O processo de legitimidade social das religiões afro-brasileiras e a arte musical de Gilberto Gil, constando o subprojeto sobre o Sincretismo religioso, ao qual foram realizadas a seleção de dezenove músicas do Gilberto Gil, que remetiam-se a espiritualidade afro-brasileira, contextualizando historicamente sobre o sincretismo, e a sua análise como o uso de um objeto de aprendizagem expositivo e prático, vindo a ser submetido tanto nas sessões em que realizamos as audições das músicas, debates, leituras auxiliares de artigos, revistas, construindo uma imagem reiterada em documentários, conceitos filosóficos, comentários de jornalistas, blogueiros e visitantes em geral etc, favorecendo ao aprendizado das letras e ritmos, ou pela visita aos terreiros urbanos, como fontes indispensável de pesquisa para a construção de uma base de conceitos reais, na desmistificação de estereótipos forjados ao longo do tempo a partir da massa midiática.

Desta maneira, durante a nossa pesquisa, analisamos as questões sincréticas afro-católicas vinculadas as letras do Gilberto Gil, na mistura dos orixás com os santos católicos, para compreender que este sincretismo foi sobretudo absorvido pela cultura religiosa de nosso país, por

² A nossa música popular é repleta de referências a religião de matriz africana. O Negro quando veio para as terras brasileiras, subjugado, como escravo, aparentemente só trazia a rota roupa que lhe cobria o corpo massacrado. Aparentemente, pois trazia em suas mentes e em seus corações a crença de seu povo, vinda já desde os mais remotos ancestrais. Esta fé ainda se mantém em tantos dos descendentes da raça, fieis à crença dos seus antepassados, e se faz ressaltar em muitas músicas da nossa MPB.

Disponível em; <http://afroreligiaonampb.blogspot.com.br/>

sua pluralidade e expressões na arte negra, vindo a ser fundamental para os escravos cultuarem os seus Orixás, como ocorre em algumas composições do próprio Gil, a quais analisaremos posteriormente.

Portanto neste estudo utilizamos como metodologia de pesquisa, a utilização de referências históricas para a análise de uma breve descrição do sincretismo afro-católico no Brasil, tentando com isto embasar autores como: Vagner Gonçalves da Silva (2008), Celso Ribeiro Bastos (2004), Abdias Nascimento (2002), etc para possibilitar a construção de debates de caráter miscigenados e étnico-raciais, no decorrer da parte teórica realizada em nossa pesquisa.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Sendo assim como diz o autor: Vagner Gonçalves da Silva: “Há muito de “igrejas” nos “terreiros”³. Percebemos então, que a religiosidade é um marcante elemento na constituição da identidade e da cultura de um povo, desta maneira ocorreu o encontro de três grandes tradições culturais no Brasil: A ameríndia, nativa da terra; a europeia, trazida pelos colonizadores portugueses e mais tarde a africana.

Na sala de aula quando o professor recorre ao resgate de uma música sincrética do Gil, viabilizamos uma somatória ao conteúdo estabelecido a partir do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), patrocinado pelo Ministério da Educação, nas escolas públicas de todo o Brasil, que devem receber livros didáticos que abranjam a lei 10.639/03, tendo em seus conteúdos a história e cultura afro-brasileira e africana, debatendo questões de cunho étnico-racial.

Com isto, a música despertará no aluno o gosto pela interpretação das canções e abrangendo as metodologias do ensino da história de maneira didática, permitindo trabalhar com eles o ofício do historiador por meio das letras cantadas.

Desta maneira, trabalharemos com as seguintes canções citadas anteriormente: Procissão, Opachorô, Andar com Fé e São João, Xangô menino.

Analisaremos os seus símbolos sagrados na cultura brasileira, Gil como a principal referência em incorporar em seus repertórios, canções de gênero híbrido, que começaremos falando da letra da canção “**São João Xangô Menino**” do disco Muito (Dentro da Estrada Azulada), de 1979, com a parceria do Caetano Veloso.

Ai, Xangô, Xangô menino
Da fogueira de São João

³ Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/da/vagner/artefro.pdf>



Quero ser sempre o menino, Xangô
Da fogueira de São João [...]

Neste trecho, fica evidente o sincretismo de São João Baptista com Xangô orixá da justiça. Segundo Jacimar Silva em seu livro (Todos os Segredos de Xangô) existem duas versões para sua natureza. Uma diz que ele é um orixá totalmente masculino e que teria como companheira a Iansã, ou ainda que ele teria três esposas (Oiá, Oba e Oxum), noutra versão Xangô é um personagem andrógino e que Iansã seria sua parte feminina. A identificação de Xangô com São João Batista tem uma marca na linguagem da Umbanda, para diferenciar dos outros sincretismos.⁴ Xangô é divindade que rege o fogo na religião africana.

Prosseguimos com outros verso da canção “São João Xangô menino”

[...] Fogo, fogo de artifício
Quero ser sempre o menino
As estrelas deste mundo, Xangô
Ai, São João, Xangô Menino [...]

[...] Olha pro céu, meu amor
Veja como ele está lindo
Noite tão fria de junho, Xangô
Canto tanto canto lindo [...]

Gil por meio da sua identificação sincrética, interliga em minha interpretação a sua vontade de ser sempre um menino perante o destino que Xangô nos reserva, por meio da sua justiça Divina e pelos elementos da natureza que são associados ao orixá, como o raio, fogo e trovão. Gil poetisa o céu e o frio de Junho, mês em que nasceu, noite das belezas juninas, noite de Xangô, noite de Gil Xangô menino.

Com isto, damos continuidade em nossa pesquisa com o auxílio da música “**Procissão**” Que vem a nos relatar os sofrimentos vividos pelos fiéis que elevam a sua fé ao acreditar na salvação divina, que existe alguém intercedendo por eles no céu.

Perceba neste verso:

Olha lá vai passando a procissão
Se arrastando que nem cobra pelo chão
As pessoas que nela vão passando acreditam nas coisas lá do céu
As mulheres cantando tiram versos,
Os homens escutando tiram o chapéu

⁴ Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/187998>



Eles vivem pensando aqui na Terra
Esperando o que Jesus prometeu [...]

Está música na verdade se torna uma forte crítica à religião, que é vista como uma “alienadora da realidade” Gil nos traz em sua letra: “Muita gente se arvora a ser Deus e promete tanta coisa pro sertão” A criticidade não abandona em denunciar a enganação que o povo nordestino passa politicamente. Percebemos isso no versos abaixo:

[...] Que vai dar um vestido pra Maria, e promete um roçado pro João
Entra ano, sai ano, e nada vem, meu sertão continua ao Deus dará
Mas se existe Jesus no firmamento, cá na Terra isso tem que se acabar[...]

As músicas do Gilberto Gil são ligadas aos diferentes aspectos da cultura afro-brasileira. Canções com uma temática religiosa é bem comum nos repertórios do Gil, então logo nos aproximamos de mais uma música do mundo do candomblé cheio de expressões iorubanas, como é o caso da música “**Opachorô**” ligada ao sincretismo Afro-Católico.

Oxalá Deus queira
Oxalá, tomara
Haja uma maneira
Deste meu Brasil melhorar

Santa Clara queira
Queira Santa Clara
Falte uma besteira
Pre’esse céu de anil clarear[...]

Nestes versos, notamos o sincretismo afro-católico com Oxalá, Jesus no catolicismo e Santa Clara como Oyá na religião africana, sendo ela a orixá que está sentada no trono da fé, e junto a Oxalá da sustentação a todas manifestações de fé.

Oxalá paz
Opachorô
Haja bem mais
Opachorô
Oxalá nós
Opachorô
Nos banhemos de luz
De luz de luz

Opachorô que também pertence a Obaluayê e nesse utiliza-se um guizo preso, pois seu barulho espanta os eguns. Já na cintura usa-se o cordão umbilical que representa a ligação direta do

iniciado com seu Orixá⁵. Assim como Oxalá vem a ser a fé que abrasa a luz em que nos banhamos, Oyá sincretizada por Santa Clara é o próprio tempo.

Após todos os versos acima expostos da música “**Opachorô**”, avancemos então com mais uma letra do Gil, “**Andar com fé**”

Andá com fé eu vou
Que a fé não costuma faiá
Que a fé tá na mulher
A fé tá na cobra coral
Oh! Oh!
Num pedaço de pão[...]

A fé se mantém presente até no linguajar caipira, assim como explica o próprio cantor em uma entrevista, “Eu deixei, mas achei a correção desnecessária "faiá" é coração, "falhar" é cabeça, e fé é coração. Gil: "É isso aí ? a fé não costuma faiá? é pra quem fala assim que ela não costuma ?faiá?".⁶ Ter fé significa em muitos dos casos, ter esperança na nova manhã que se inicia.

[...]A fé tá na manhã
A fé tá no anoitecer
Oh! Oh!
No calor do verão...

A fé tá viva e sã
A fé também tá prá morrer
Oh! Oh!
Triste na solidão...[...]

CONCLUSÕES

O enraizamento da cultura dos povos afro-brasileiros perante a língua e a religião, fez com que a luta dos africanos se tornassem apenas uma, sem negar as suas etnias eles se uniram, fossem Banto, Zulu, Shona, etc, pois, acima de tudo eles se reconheciam como como filhos da África, partilhavam da saudade, sofrimento, dor, inferioridade, tradições, fé... Comungavam do mesmo suor

⁵ Disponível em: http://omidewa.com.br/public_html/arquivos/707

⁶ GIL, Gilberto. Todas as letras: incluindo letras comentadas pelo compositor/ organização Carlos Rennó. São Paulo, Companhia das letras, 1996.

Leia mais em: <http://www.webartigos.com/artigos/implicatura-na-poesia-cancao-de-gilberto-gil/64497/#ixzz4GVAXtbKt>



e sangue onde a sua História foi escrita no livro da vida, que hoje se perpetua graças a bravura dos nossos ancestrais africanos.

Desta maneira, os professores podem usufruir dessas músicas do Gilbert Gil para desenvolverem a compreensão do alunado sobre a importância do respeito às diferentes expressões religiosas, servindo também como implementação lei 10.639/03, que servirá como o início a debates no âmbito da educação brasileira, no que diz a respeito das relações étnico-raciais, propagando possibilidades de abordagens e implementações diferentes desse conteúdo nas aulas de história.

Segundo Jean Piaget:

A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe." (Jean Piaget, 1978)

Notamos então que o autor evidencia que as práticas educacionais devem instigar a/o aluna/o a produzir o conhecimento, sendo este a marca para uma formação intelectual, gerando então, um avanço significativo para assim romper a cortina dos estereótipos criados pela imagem marginalizada presente nos livros didáticos e a influência dos meios de propagação midiáticos, (TV, internet, etc.) na construção de seus conhecimentos.

A/O professor/a quando alterna as suas didáticas em sala, buscando pelo auxílio da literatura, por meio da música, dança, peças teatrais, demonstrarem que sim, se pode aprender a História africana, afro-brasileira, e afro-católica por meio dos nossos costumes diários, pois elas se mantem sempre presente em nossa diversidade cultura, pois assim como na capoeira é necessário se existir um equilíbrio do corpo e do espírito, na sala de aula é preciso tornar ainda mais vivo o conhecer e respeitar, as expressões culturais negras nos mais de quinhentos anos de história religiosa no Brasil.

REFERÊNCIAS

ARTE RELIGIOSA AFRO-BRASILEIRA: AS MÚLTIPLAS ESTÉTICAS DA DEVOÇÃO BRASILEIRA Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/da/vagner/arteafr.pdf> Acesso em: 02-06-2016

A AFRO RELIGIÃO NA MPB. Disponível em: <http://www.doafrobrasileiro.org/contacanto4.html> Acesso em: 02-06-2016

XIRÊ DOS ORIXÁS. Disponível em:



<http://uniaoespiritajapao.blogspot.com.br/p/umbanda.html> Acesso em: 03-06-2016

ÂMBITO JURÍDICO.COM.BR. Disponível em:

http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7101

Acesso em: 07-06-2016

BASTOS, Celso Ribeiro; MARTINS, Ives Gandra da Silva. **Comentários à Constituição do Brasil:** promulgada em 5 de outubro de 1988. 2 vol. 3 ed. rev. atual. São Paulo: Saraiva, 2004.

MARIANO, Agnes. **A invenção da baianidade.** São Paulo: Annablume, 2009. 150p.

NASCIMENTO, A. do. **O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. (Coleção Estudos Brasileiros; v. 30).

PIAGET, Jean. **A Formação no Símbolo da Criança:** imitação jogo e sonho, imagem e representação. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

RENNÓ, Carlos (org.). **Gilberto Gil:** todas as letras. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula.** In: BITTENCOURT, Circe (org.). O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1997, p.55-66



